



## **AUTOEFICÁCIA DE TÉCNICOS ESPORTIVOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO<sup>1</sup>**

---

**Roberto Tadeu Iaochite**

Universidade Estadual Paulista – Brasil

**Roberta Ribeiro Vieira**

Universidade São Judas Tadeu – Brasil

**Resumo:** A qualidade do trabalho do técnico esportivo relaciona-se com o julgamento que o mesmo faz sobre sua própria capacidade de atuar, ou autoeficácia do técnico esportivo. Este estudo identificou a autoeficácia de técnicos esportivos. Trinta e seis técnicos esportivos participaram do estudo respondendo a um questionário de caracterização e escala de autoeficácia do técnico esportivo. Os resultados revelaram escores elevados para a dimensão da eficácia para a formação do caráter dos atletas, além das dimensões ligadas à eficácia técnica para ensinar, eficácia para a estratégia de jogo e motivação. Esses resultados, ainda que exploratórios, oferecem pistas para refletir sobre o papel da autoeficácia na preparação e atuação dos técnicos esportivos em diferentes contextos.

**Palavras-chave:** autoeficácia; técnico esportivo; formação profissional.

### **INTRODUÇÃO**

A formação do técnico esportivo no cenário brasileiro compreende um conjunto de exigências e de expectativas de diferentes naturezas. Se por um lado temos as diretrizes oficiais vindas do Conselho Nacional de Educação – CNE, pela Resolução CNE/CES n. 7/2004, por outro temos aquelas vindas do Conselho Federal de Educação Física – CONFEF, via Resolução CONFEF n. 046/2002 (BRASIL, 2004; CONFEF, 2002). É necessário considerar, ainda, os programas de formação inicial e

---

<sup>1</sup> Este estudo foi apresentado na forma de comunicação oral no II Congresso Internacional de Formação Profissional no Campo da Educação Física e VI Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física “Construção da Identidade Profissional em Educação Física: da Formação à Intervenção” – Universidade Federal de Santa Catarina, 17 a 19 maio 2012.

continuada com suas respectivas propostas, considerando também as expectativas dos estudantes e profissionais em formação.

A Resolução CNE/CES n. 7/2004, ao instituir as diretrizes curriculares para a graduação (formação inicial) em Educação Física apoia-se em princípios que vão além da formação apenas técnica. No documento existe claramente a indicação de que a formação inicial da profissão deverá pautar-se, entre outros princípios, em ações críticas e investigativas, indissociabilidade entre teoria e prática, articulação ampliada e específica, considerando também a ética pessoal e profissional (BRASIL, 2004).

No âmbito federal, o Conselho Profissional dispôs pela Resolução CONFEF n. 046/2002 orientações para a intervenção profissional no esporte. Pautando-se nas orientações da Resolução CNE/CES n. 7/2004, o técnico esportivo deverá, segundo o CONFEF, possuir conhecimentos, habilidades e competências para intervir na medida em que atuará desde o diagnóstico, passando pelo planejamento, execução, avaliação e supervisão no campo esportivo. O que significa dizer que a atuação desse profissional abarca ações desde as fases iniciais de aprendizagem esportiva até o mais alto nível de desenvolvimento nas áreas formal e informal (CONFEF, 2002). Em síntese, ambas as diretrizes apoiam-se na premissa de que a formação inicial é que deverá desenvolver competências para a atuação do técnico esportivo. Embora isso não seja objeto de investigação no presente estudo, questionamos: e os conhecimentos e experiências que esse profissional pode ter adquirido ao longo de sua jornada como, por exemplo, ex-atleta? E mais, partindo do pressuposto de que os cursos de graduação desenvolveram essas competências, isso é suficiente para que o técnico se perceba capaz para aplicá-las na atuação nos mais diversos contextos?

No esporte, muitos fatores influenciam o desenvolvimento das habilidades dos atletas, o rendimento e o resultado das competições. No treinamento, por exemplo, são vários os componentes que integram esse processo. Dentre eles, podemos citar a iniciação esportiva, o tipo de treinamento recebido, o papel da família, a mídia e, tão importante quanto esses fatores, está o papel do técnico esportivo.

Em muitos casos, é o técnico quem planeja, executa e avalia todo o processo de aprendizagem e treinamento das habilidades e capacidades motoras que compõem determinada modalidade esportiva. É por meio dessa atuação que os atletas podem manter-se engajados e de certa forma motivados para buscar resultados satisfatórios. Lobo, Moraes e Nascimento (2005) afirmam que o treinador é um agente socializador, uma vez que exerce influência direta nas atitudes e ações dos atletas nos aspectos ligados ao esporte, como em outros contextos da vida.

Justamente por exercer influência no desenvolvimento dos atletas é que a qualidade do trabalho exercido pelo técnico torna-se de suma importância nesse processo. O técnico deve possuir capacidades de diferentes naturezas que o permitam agir

no planejamento e execução dos aspectos específicos da modalidade em que atua, bem como capacidades de ordem pessoal que favoreçam sua atuação em outras dimensões, como o gerenciamento de pessoas. Nessa direção, é necessário realçar que a atuação do técnico passa, dentre outros aspectos, pela própria percepção que tem de sua capacidade para gerenciar as diferentes tarefas que essa profissão exige. Essa percepção de competência está relacionada às crenças pessoais que esse profissional possui para intervir de maneira segura e eficiente com vistas a obter os resultados esperados. Essas crenças de capacidade, ou autoeficácia, são de domínio específico que, no presente estudo, dizem respeito à atuação do técnico esportivo.

A autoeficácia é um dos mecanismos centrais da teoria social cognitiva (TSC) proposta por Albert Bandura em meados da década de 1980. A TSC abarca um conjunto de constructos teóricos para explicar o comportamento humano, como, por exemplo, a modelação e a autorregulação. Segundo essa teoria, a ação humana deriva da interação recíproca entre três classes principais de determinantes: o comportamento, os fatores pessoais internos, sob a forma de eventos afetivos, biológicos e cognitivos (como as autocrenças, por exemplo), e o ambiente externo. A autoeficácia, sendo uma autocrença, refere-se ao “julgamento que o indivíduo realiza sobre as próprias capacidades para organizar e executar cursos de ação requeridos para alcançar determinadas realizações” (BANDURA, 1997, p. 3). Em outras palavras, são julgamentos que as pessoas fazem sobre a própria capacidade para agir em uma dada direção em um domínio específico. No presente estudo, o domínio específico é o exercício da função de técnico esportivo.

A autoeficácia exerce uma função reguladora sobre o comportamento do indivíduo, colaborando para a qualidade do funcionamento psicossocial. Ela atua como um componente mediador em várias circunstâncias, tanto em situações de escolha, nas cognições a respeito de si mesmo e nas reações emocionais, quando são necessários esforço e persistência, como na produção do comportamento (BANDURA, 1997). Em um contexto mais amplo, a autoeficácia influencia vários aspectos do comportamento humano, como a maneira como as pessoas pensam, isto é, de forma otimista ou não, quais comportamentos realizar, quais as metas que estabelecem para si mesmas, bem como o nível de comprometimento e persistência. Influencia, ainda, a quantidade de esforço despendido, assim como a quantidade de tempo que elas persistem face aos obstáculos e experiências de fracasso (AZZI; POLYDORO, 2006).

A autoeficácia é construída a partir da interpretação de informações obtidas em quatro fontes, sendo elas: experiências diretas, experiências vicariantes – observação de modelos; persuasão verbal e, por fim, estados fisiológicos e afetivos. É a partir dessas informações (em conjunto ou isoladamente) que as pessoas julgam suas

competências para um domínio específico (BANDURA, 1997). Experiências diretas referem-se aos êxitos e fracassos produzidos pelo desempenho do indivíduo. É dessa experiência que deriva a principal fonte de informação para que o indivíduo julgue a própria capacidade para agir. Experiências vicariantes de observação de comportamentos dos semelhantes referem-se a observar o outro, isto é, ver outros indivíduos atuando com sucesso pode dar origem a percepções de autoeficácia nos observadores, no sentido de que se convencem de que também são capazes de ter sucesso. Persuasão social é uma estratégia que busca mudar as crenças do indivíduo a respeito de si mesmo por meio de feedback, instruções verbais, reforço social etc. Já os estados fisiológicos e afetivos fornecem a informação de que os indivíduos podem (ou não) estar aptos para realizar determinada tarefa. Alterações da frequência cardíaca, pressão arterial, dor, sudorese podem, dependendo da interpretação que o indivíduo faz sobre esses indicativos, influenciar na percepção da própria capacidade para agir (IAOCHITE, 2007).

A autoeficácia do técnico esportivo (AETE) pode ser definida como a extensão na qual o técnico acredita ser capaz de afetar a aprendizagem e o desempenho dos atletas sob sua orientação (FELTZ et al., 1999).

O estudo de Feltz et al. (1999) é referência no âmbito das discussões sobre esse constructo na medida em que foi o precursor na literatura e, desde então, tem sido amplamente citado nas investigações posteriores. A descrição de cada dimensão desse constructo parte dos apontamentos dessa investigação inicial. A dimensão da *eficácia para a estratégia de jogo* está relacionada à crença que o técnico tem em suas habilidades durante o treinamento, conduzindo a equipe a um desempenho de sucesso, incluindo o reconhecimento dos pontos fortes e fracos do time adversário e no entendimento das estratégias competitivas. Na dimensão da *eficácia para a motivação*, a crença diz respeito à capacidade do técnico para influenciar as habilidades e os estados psicológicos dos atletas sob o seu comando. A dimensão da *eficácia do técnico para ensinar* relaciona-se à crença nas suas habilidades de instrução e de diagnóstico das ações que serão utilizadas para a aprendizagem das habilidades, estratégias e treinamentos individualizados. Finalmente, a dimensão da *eficácia para a formação do caráter e de valores* diz respeito à crença na capacidade que o técnico possui para influenciar o desenvolvimento pessoal e as atitudes positivas e proativas dos atletas para com o esporte.

As quatro dimensões da autoeficácia do técnico esportivo são influenciadas pela experiência e atuação no passado (preparação e experiência como técnico, além dos registros de vitórias e derrotas), a percepção da habilidade ou do talento de seus atletas, e a percepção do seu apoio social (escola, comunidade e país). As experiências pessoais (preparação e experiência como técnico e seus sucessos anteriores) são

fontes de informação de autoeficácia, e, por serem responsáveis por esse julgamento, são tidas como o fator mais forte da autoeficácia do técnico esportivo (BANDURA, 1997; FELTZ et al., 1999).

Feltz et al. (1999) afirmam, ainda, que o desenvolvimento da autoeficácia do técnico esportivo tem como consequência influenciar o comportamento do técnico, a satisfação e o desempenho do atleta e da equipe, além da autoeficácia, no comportamento e atitudes do atleta e da equipe como um todo.

Estudos têm reforçado as dimensões da autoeficácia do técnico esportivo em diferentes modalidades esportivas e contextos. Malet e Feltz (2000) encontraram efeitos significativos sobre a autoeficácia de técnicos em nível amador escolar que participaram de um programa de formação em relação aos técnicos do grupo controle. Eficácia para a motivação e estratégia de jogo contribuíram significativamente como preditoras da relação entre autoeficácia do técnico esportivo e estilos de liderança de 224 técnicos intercolégiais de diferentes países (SULLIVAN; KENT, 2003).

Com o objetivo de examinar a influência das fontes que constituem a autoeficácia, bem como variáveis ligadas ao comportamento do técnico e da equipe, Myers, Vargas-Tonsing e Feltz (2005) aplicaram, em duas fases distintas, questionários a 135 técnicos de ambos os sexos, atuantes em campeonatos intercolégiais e a 1.618 atletas. Para as técnicas, o suporte social foi a fonte de maior impacto em relação aos técnicos. A autoeficácia dos técnicos foi preditora do comportamento, da satisfação e do percentual de vitórias para os técnicos. Já a eficácia para a motivação esteve positivamente relacionada com a satisfação de equipes femininas lideradas por mulheres. Outras variáveis como, por exemplo, tempo de experiência como técnico e gênero foram mensuradas juntamente com a autoeficácia de técnicos esportivos ingleses e de seus atletas que competiam em modalidades individuais e coletivas. O tempo de experiência esteve positivamente relacionado com a dimensão da eficácia para a estratégia de jogo para técnicos, os quais apresentaram maior pontuação para essa dimensão em relação às mulheres (KAVUSSANU et al., 2008).

Em síntese e em consonância com o papel da autoeficácia, conforme apontado por Bandura (1997) e Feltz et al. (1999), técnicos com altos níveis de autoeficácia tendem a apresentar comportamentos táticos mais eficientes, utilizam técnicas de motivação e de *feedback* que tendem a gerar mais engajamento pelos atletas, além do compromisso e dedicação de tempo ao treinamento. Esses aspectos, de alguma forma, têm relações com a satisfação dos atletas e com o desempenho de ambos, técnicos e atletas. O presente estudo teve como objetivo mensurar, exploratoriamente, o nível de autoeficácia de técnicos esportivos que atuam com equipes de treinamento, em diferentes categorias, no nível amador. Diante das informações levantadas por este estudo, é possível destacar a relevância de se estudar a auto-

eficácia de técnicos considerando o desenvolvimento dessas crenças durante os momentos de formação profissional, inicial e continuada, bem como contribuindo para o planejamento de estratégias que contribuam não apenas para a melhora do desempenho – resultados – nas competições, mas também para as relações entre técnico e atleta durante os treinamentos e para o enfrentamento das dificuldades e imprevisibilidade presentes no contexto esportivo.

## MÉTODO

Participaram desse estudo 36 profissionais, selecionados por conveniência, sendo 86% do gênero masculino e 14% do gênero feminino, com faixa etária de 22 a 60 anos, sendo a média 33,9 anos e desvio padrão de 10,9 anos. Desse total 22% atuavam com iniciação esportiva, 8%, com categorias intermediárias, 6%, com a categoria adulta e 64%, em mais de uma categoria. Quanto ao nível de competição, 86% atuavam em nível amador, 11%, em nível profissional e 3%, em ambos os níveis. Com relação à formação acadêmica dos participantes foi encontrado que 14% concluíram a graduação no período compreendido entre 1974 a 1984, 17%, no período compreendido entre 1985 a 1995, 64%, no período compreendido entre 1996 a 2007 e 5% dos participantes não havia concluído a graduação. Quanto à modalidade esportiva que atuavam como técnico 61% deles atuavam com voleibol, 3%, com futsal, 14%, com futebol, 5%, com handebol e 17%, em mais de uma modalidade esportiva. O tempo de atuação dos participantes na atividade de técnico esportivo variou de 1 a 35 anos de profissão, sendo que a média foi de 8,47 anos e desvio padrão de 8,41 anos.

Como instrumentos nesse estudo foram utilizados: 1. questionário de caracterização do participante, que consiste em um questionário contendo questões fechadas acerca das seguintes características: idade, gênero, formação, atuação, além do nível de satisfação com a profissão e quanto à infraestrutura disponível para exercer as atividades; 2. escala de autoeficácia do técnico esportivo (Coaching Efficacy Scale –CES), de Feltz et al. (1999) que tem seus itens distribuídos nas dimensões: estratégia de jogo, motivação, técnica para ensinar e formação do caráter. A escala possui 24 itens, sendo que sua variância foi de 65,47%, com alfa de Cronbach de 0,79. A dimensão da *eficácia para motivação* continha itens como, por exemplo, “manter a confiança nos seus atletas”, “preparar os atletas mentalmente para o jogo/ encontrar estratégias” apresentou alfa de Cronbach de 0,91. A dimensão da *eficácia para a estratégia de jogo* continha itens como, por exemplo, “adaptar-se a situações diferentes de jogo”, “desenvolver as capacidades dos atletas”, obteve alfa de Cronbach de 0,84. Já a dimensão da *eficácia para a formação do caráter* foi composta por itens como “estabelecer uma atitude de ‘jogo limpo’ (*fair-play*) entre os seus atletas”, “promover um bom companheirismo no esporte” etc. apresentou alfa de Cronbach de 0,77. Por

fim, a dimensão da *eficácia técnica para ensinar* continha itens como, por exemplo, “demonstrar as habilidades do seu esporte”, “reconhecer o talento dos atletas” e apresentou alfa de *Cronbach* de 0,66.

Após a autorização dos autores para a tradução e utilização no cenário nacional, o instrumento foi aplicado entre os meses de julho e agosto de 2007. A adesão à pesquisa aconteceu de forma voluntária e foi assegurada a manutenção do sigilo na identificação do participante, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade de Taubaté, sob protocolo n. 405/09. Os instrumentos foram aplicados individualmente aos participantes da pesquisa, nos locais de treinamento e/ou competição dos mesmos. Não havia limite de tempo para o preenchimento, de forma que eles poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento.

Na realização da coleta havia uma breve explicação sobre os objetivos e procedimentos do estudo, destacando o caráter espontâneo e sigiloso da participação, assim como a possibilidade de desistência em qualquer momento do estudo, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por cada participante no momento da coleta de dados. A presença de um dos pesquisadores na coleta foi garantida para que os esclarecimentos que se fizessem necessários fossem atendidos. Após a tabulação em planilha do programa Excel, os dados foram transferidos e analisados pelo programa Statistics Package of Social Sciences (SPSS v. 17) por meio de estatística descritiva.

## RESULTADOS

A dimensão que obteve a maior média na escala foi a que corresponde à eficácia para formação do caráter. Já a com menor média foi a dimensão correspondente à eficácia para a motivação. As dimensões da eficácia para a estratégia de jogo e eficácia técnica para ensinar apresentaram, respectivamente, valores intermediários, conforme Tabela I.

**Tabela I**

Média e alfa de *Cronbach* para os quatro fatores da escala

	Média	Alfa de <i>Cronbach</i>
Formação do caráter	8,43	0,770
Técnica para ensinar	8,34	0,662
Estratégia de jogo	7,88	0,845
Motivação	7,65	0,910
<b>Total</b>	<b>8,07</b>	<b>0,796</b>

**Fonte:** Elaborada pelos autores.

**Tabela 2**

Média, mínimo e máximo da dimensão da eficácia para a motivação

	<b>Média</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Manter a confiança nos seus atletas	7,19	4,0	9,0
Reconhecer os pontos fortes do time adversário durante a competição	7,44	4,0	9,0
Preparar os atletas mentalmente para o jogo/encontrar estratégias	7,19	3,0	9,0
Construir a autoestima dos seus atletas	7,91	6,0	9,0
Reconhecer os pontos fracos do time adversário durante a competição	8,05	4,0	9,0
Construir a autoconfiança dos seus atletas	7,83	5,0	9,0
Maximizar a força do seu time durante a competição	7,55	4,0	9,0
Ajustar a sua estratégia de jogo ao talento do seu time	7,52	3,0	9,0
Construir a confiança do time	8,05	6,0	9,0
<b>Total</b>	<b>7,65</b>	<b>4,33</b>	<b>9,0</b>

**Fonte:** Elaborada pelos autores.

A Tabela 2 apresenta os itens relativos à dimensão da eficácia para a motivação. Os itens “Reconhecer os pontos fracos do time adversário durante a competição” e “Construir a confiança do time” receberam a maior média dessa dimensão. Já os itens “Manter a confiança nos seus atletas” e “Preparar os atletas mentalmente para o jogo/ encontrar estratégias” receberam a menor média. Na mesma lógica, as tabelas 3 e 4 apresentam, respectivamente, os itens relativos às dimensões da eficácia para a estratégia de jogo e eficácia para a formação do caráter e valores. Os itens “Tomar decisões críticas durante a competição” e “Treinar/orientar os atletas individualmente sobre técnicas” apresentaram menor e maior pontuação, respectivamente. Observamos que, embora o item “Adaptar-se a situações diferentes de jogo” tenha a mesma média que “Tomar decisões críticas...”, os valores mínimos são diferentes. Para a dimensão da eficácia da formação do caráter e valores, o item “Estabelecer uma atitude de respeito pelos outros” e “Compreender as estratégias esportivas” obtiveram, consecutivamente, maior e menor pontuação.

**Tabela 3**

Média, mínimo e máximo da dimensão da eficácia para estratégia de jogo

	Média	Mínimo	Máximo
Adaptar-se a situações diferentes de jogo	7,55	6,0	9,0
Motivar seus atletas	8,11	7,0	9,0
Tomar decisões críticas durante a competição	7,55	4,0	9,0
Construir a coesão do time	7,83	6,0	9,0
Treinar/orientar os atletas individualmente sobre técnicas	8,27	4,0	9,0
Desenvolver as capacidades dos atletas	7,80	5,0	9,0
Detectar falhas nas habilidades	8,05	6,0	9,0
<b>Total</b>	<b>7,88</b>	<b>5,42</b>	<b>9,0</b>

**Fonte:** Elaborada pelos autores.**Tabela 4**

Média, mínimo e máximo da dimensão da eficácia para formação do caráter

	Média	Mínimo	Máximo
Compreender estratégias esportivas	7,80	5,0	9,0
Estabelecer uma atitude de bom caráter moral	8,58	5,0	9,0
Estabelecer uma atitude de “jogo limpo” ( <i>fair-play</i> ) entre os seus atletas	8,61	6,0	9,0
Promover um bom companheirismo no esporte	8,52	7,0	9,0
Estabelecer uma atitude de respeito pelos outros	8,66	7,0	9,0
<b>Total</b>	<b>8,43</b>	<b>6,0</b>	<b>9,0</b>

**Fonte:** Elaborada pelos autores.

Por fim, na Tabela 5 encontramos os valores relativos aos itens dimensão da eficácia para ensinar. Nessa dimensão, o item que apresentou a maior média foi “Ensinar as habilidades do seu esporte”, enquanto a menor média ficou com o item “Reconhecer o talento nos atletas”.

**Tabela 5**

Média, mínimo e máximo da dimensão da eficácia técnica para ensinar

	Média	Mínimo	Máximo
Demonstrar as habilidades do seu esporte	8,30	6,0	9,0
Reconhecer o talento nos atletas	8,16	7,0	9,0
Ensinar as habilidades do seu esporte	8,55	7,0	9,0
<b>Total</b>	<b>8,33</b>	<b>6,66</b>	<b>9,0</b>

**Fonte:** Elaborada pelos autores.

## DISCUSSÃO

Um dos principais aspectos da autoeficácia é sua relação com a motivação e com os tipos de resultados que os indivíduos esperam a partir do próprio desempenho. Especificamente no caso dos técnicos, a autoeficácia se constitui em um dos fatores intervenientes na formação e na atuação profissional do mesmo. Neste estudo buscou-se mensurar o nível de autoeficácia de técnicos esportivos que atuam com equipes de treinamento, com o intuito de fazermos uma reflexão sobre o quanto e como o trabalho do técnico pode influenciar o aprendizado e o desempenho do atleta.

Assim, observamos que, com relação à dimensão da eficácia para a motivação, os itens que receberam maior destaque nos apontam para a reflexão de que os técnicos participantes do estudo possuem uma elevada crença em suas capacidades para fazer com que o time se perceba confiante nas ações que desenvolve durante o jogo. Isso se coaduna com a definição dessa dimensão proposta por Feltz et al. (1999) em que a crença de eficácia para a motivação está fundamentada na confiança que o técnico tem na sua capacidade de afetar as habilidades e os estados psicológicos de seus atletas. Uma explicação para a média atribuída pelos técnicos para essa dimensão pode estar relacionada às crenças que o próprio técnico possui acerca de seu papel como agente de motivação e exemplo perante o grupo de atletas. Santos e Mesquita (2010) afirmam que a intervenção do treinador no processo de treino e de competição é multifacetada e desenvolvida em múltiplos contextos de prática, requerendo, assim, o domínio de um largo e exigente leque de conhecimentos e competências. O que nos sinaliza também que o técnico necessita de um suporte adequado para desenvolver suas potencialidades.

Quando pensamos nas contribuições da psicologia do esporte para o treinamento esportivo, damos muita ênfase ao atleta e esquecemos que o treinador é uma peça fundamental nesse contexto. Vieira et al. (2010) nos lembram que os treinadores revelam-se figuras determinantes no desenvolvimento esportivo e pessoal dos praticantes e na sua adaptação à vida, desempenhando papéis diferenciados em cada uma das diferentes fases da carreira do atleta. Nesse sentido, a forma como os treinadores organizam a prática e as experiências de aprendizagem, o modo como eles fornecem *feedback* e dão reconhecimento, e ainda, suas estratégias de agrupamento dos atletas são elementos importantes em sua intervenção profissional, uma vez que podem contribuir para que o treinador consiga influenciar positivamente seus atletas, especialmente como fonte de informação – persuasão verbal – para a autoeficácia individual e coletiva da equipe.

Estabelecendo relações com o processo de preparação profissional, esses resultados fornecem indicações para refletir sobre o papel que as disciplinas e os saberes

vinculados a elas exercem quanto às estratégias que os futuros técnicos esportivos podem desenvolver para potencializar não apenas o próprio desenvolvimento, mas também o dos atletas que orienta. Nessa direção, significa que o conhecimento do técnico poderá ser traduzido em orientações seguras que superem a reprodução das próprias experiências passadas como atleta. O conhecimento das disciplinas do campo das ciências humanas e, dentre elas, o das psicologias estudadas durante a graduação, poderá ser um ponto de partida para ressignificar o papel do técnico como agente mediador entre as próprias expectativas, o atleta, o contexto e as ações decorrentes desse complexo processo (IAOCHITE et al., 2004).

A dimensão da eficácia para a estratégia de jogo, o que se pode perceber e mesmo especular diante dos itens que apresentaram as menores médias, é que os técnicos sentiram-se ligeiramente menos capazes de gerenciar situações imprevistas. Lidar com a imprevisibilidade no contexto esportivo e dar conta de responder as demandas que lhe são apresentadas ao longo do caminho são atributos indispensáveis para um profissional que busca o sucesso. A nosso ver, a aquisição desses atributos está intimamente relacionada à formação e à preparação que esse profissional vem recebendo ao longo de sua carreira. Sobre esse tópico, é possível questionarmos: como o imprevisto tem sido discutido durante a formação profissional? Há espaço para se discutir e se preparar para a imprevisibilidade no esporte ou no processo ensino-aprendizagem? Quais conhecimentos são necessários e que oferecem suporte teórico e prático para lidar com a imprevisibilidade? Não estaria a formação inicial em Educação Física, especificamente a grade curricular ligada aos conteúdos esportivos e as metodologias de ensino, reforçando as situações ideais de ensino, em contrapartida às situações reais em que a diversidade de habilidades, interesses e finalidades está a todo momento presente?

Em face disso, acreditamos que tanto as instituições que são responsáveis pela formação do profissional quanto o próprio profissional devam procurar meios para uma formação de qualidade, que lhe proporcione os elementos necessários para uma prática profissional de sucesso, e que, ainda, sejam capazes de “exercitar” os atributos e as demandas que serão exigidos no dia a dia da carreira. Repensar a formação de treinadores com base em novas perspectivas, considerando os atuais desenvolvimentos internacionais é, hoje, essencial. Esta reflexão enfatiza a necessidade de uma formação voltada para o desenvolvimento pessoal, técnico e cultural, científico e pedagógico, caracterizando os diversos modelos e estruturas de formação (ROSADO; MESQUITA, 2007).

Já a dimensão da eficácia para formação do caráter, ao apresentar a maior pontuação em relação às outras dimensões da escala, denota a elevada crença do técnico

em sua capacidade de influenciar o desenvolvimento pessoal e as atitudes positivas para com o esporte em seus atletas, conforme ocorrido no estudo de Fung (2003). De certa forma, essa dimensão pode estar relacionada com diferentes fontes que possam ter contribuído para a preparação e a experiência como técnico, bem como o registro dos sucessos anteriores. Isso nos faz refletir que se, por um lado, o papel do treinador é de extrema importância na formação e no desenvolvimento integral dos atletas, proporcionar que o atleta encontre um nível adequado de desenvolvimento pessoal e técnico está, também, atrelado ao papel do técnico. Nesse sentido, estarão implícitos os valores que acredita e gerencia em seu comportamento, bem como a maneira como ele os demonstra em sua conduta, contribui para influenciar e interferir na sua carreira e na vida pessoal do atleta (MACHADO, 2010). Assim, é importante entender que a busca contínua pelo rendimento deve ocorrer objetivando um treinamento de qualidade que não venha a comprometer a saúde e a integridade psicofisiológica e social do atleta (BARRA FILHO; FREITAS, 2010).

No contexto da formação inicial, é possível retomar o papel do currículo como um espaço que possibilita o desenvolvimento dos diferentes saberes ligados à formação humana. Encontrar espaços para reconhecer, planejar, discutir como ensinar atitudes e valores no campo esportivo requer a apropriação de um conjunto de saberes e competências que, vinculadas aos outros domínios – motor, cognitivo, afetivo – podem contribuir para uma mudança das ações que técnicos realizam no cotidiano de suas práticas.

Finalmente, a dimensão da eficácia técnica para ensinar, a autoeficácia nessa dimensão está relacionada à crença que os técnicos têm na sua capacidade de instrução e de diagnóstico. A necessidade de treinadores qualificados tem crescido de forma exponencial na nossa sociedade, contrariando a crença geral de que não há qualquer requisito mínimo para ser técnico esportivo, desde que o deseje e que o passado desportivo o permita (ROSADO; MESQUITA, 2007). Isso significa que os cursos de preparação profissional podem oferecer espaços no currículo para o desenvolvimento de competências pedagógicas para serem vivenciadas ainda na formação inicial (NASCIMENTO et al., 2009).

De modo geral os técnicos envolvidos nesse estudo apresentaram elevados níveis na autoeficácia do técnico esportivo. Acredita-se que os técnicos que se sentem mais eficazes são os que demonstram habilidades táticas mais eficientes, usam técnicas de retorno de motivação e correção mais eficientes, além de demonstrarem maior compromisso e devoção de tempo ao treinamento. Acredita-se também que esses técnicos lidam com jogadores mais satisfeitos com seu trabalho, que esses jogadores sejam mais eficazes e mais motivados. E que esses técnicos conduzam seus times a atuações mais bem-sucedidas que os técnicos com baixo nível de autoeficácia

(FELTZ et al., 1999). Além disso, percebe-se que dos acertos e erros do técnico esportivo dependem, em grande medida, o sucesso, a satisfação e o interesse em continuar daqueles que participam de sua trajetória profissional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivos identificar as crenças de autoeficácia do técnico esportivo atuante em equipes de treinamento. A carência de estudos nessa área vem nos sinalizar a relevância de estudos como esse, por se tratar, inclusive, da utilização de instrumentos construídos a partir de um referencial teórico empiricamente bem estabelecido e pouco conhecido no cenário brasileiro.

A literatura nos mostra que a crença da autoeficácia está intimamente ligada à motivação, influenciando o comportamento do indivíduo. Pelo pressuposto teórico, com fortes crenças de autoeficácia, o esforço imprimido pelo indivíduo tende a fazer-se presente desde o início e ao longo de todo o processo, de maneira a demonstrar maior persistência, mesmo que apareçam dificuldades e obstáculos.

Este estudo traz a possibilidade de refletir sobre a formação profissional do técnico no que diz respeito à formação dessa confiança para agir no campo profissional do esporte. Estudos no referencial teórico proposto por Albert Bandura têm aumentado significativamente no cenário brasileiro, porém, no campo da formação profissional em Educação Física, estamos, ainda, em uma fase exploratória do ponto de vista empírico. Nessa direção, é importante sinalizar o papel desse referencial na formação inicial do profissional de Educação Física, considerando, ainda, a importância das disciplinas ligadas às ciências humanas como possibilidade de uma formação integral, que contemple o humano, a pessoa em suas dimensões e potencialidades. É esperado (e estudos têm demonstrado isso) que essa formação tenha algum impacto na prática desses profissionais. Esse impacto será um dos fatores que, consequentemente, contribuirão para os resultados no desenvolvimento e desempenho dos atletas, dos técnicos, dos clubes, equipes e dos setores ligados a esse campo. Acreditamos que o investimento nessa formação não é em vão e poderá fazer a diferença para o esporte no cenário nacional e internacional.

Até o momento, sabe-se que há muitos modelos de formação profissional focados apenas na otimização do rendimento esportivo, constituindo-se deste modo em uma formação tecnicista, elementar e insuficiente. Na contraposição desses modelos, há que se incentivar o surgimento necessário de modelos que busquem garantir o atendimento das reais necessidades de formação, ultrapassando as barreiras que afetam o desenvolvimento profissional, a formação contínua e o desenvolvimento de atitudes e crenças pessoais mais proativas.

Por fim, há que se ressaltar que os resultados sejam analisados com cuidado, dado o tamanho da amostra e a forma exploratória de análise. Os dados foram discutidos em função dos itens postos no instrumento, de maneira que o original está validado em uma cultura diferente da realidade brasileira. Contribuições interessantes nessa direção poderão vir de abordagens qualitativas de investigação e que possam fornecer orientações importantes acerca de como essas crenças estão sendo construídas e desenvolvidas nos cursos de preparação profissional em Educação Física.

## COACH SELF-EFFICACY: AN EXPLORATORY STUDY

**Abstract:** The quality of the work of sports coaches is related to the judgment that they do about their own ability to act, or coach self-efficacy. This study identified sports coaches' self-efficacy. Thirty-six coaches participated in the study by answering a questionnaire characterization, and a coach self-efficacy scale. The results revealed high scores for the dimension of effectiveness for the formation of the character of athletes beyond the dimensions related to effective technique to teach effectively to the game strategy and motivation. These exploratory results even offer clues to reflect on the role of self-efficacy in the preparation and performance of coaches in different sports contexts.

**Keywords:** self-efficacy; coach; professional preparation.

## REFERÊNCIAS

AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (Org). **Autoeficácia em diferentes contextos**. Campinas: Alínea, 2006.

BANDURA, A. **Self-efficacy: the exercise of control**. Nova York: Freeman, 1997.

BARRA FILHO, M.; FREITAS, D. S. A problemática do Overtraining no Esporte: Implicações para o treinador. In: BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. (Org.). **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: O Treinador e a Psicologia do Esporte**. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2010. v. 4, p. 99-114.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CSE n. 7**, 31 de março de 2004.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. CONFED. **Formação Superior em Educação Física**. 2002. Disponível em: <<http://www.confef.com.br>>. Acesso em: 27 fev. 2011.

FELTZ, D. L. et al. Conceptual model of coaching efficacy: preliminary investigation and instrument development. **Journal of Educational Psychology**, v. 91, n. 4, p. 765-776, 1999.

FUNG, L. Assessment: coaching efficacy as indicators of coach education program needs. **Athletic Insight – The Online Journal of Sport Psychology**. Disponível em: <<http://www.athleticinsight.com/Vol5Iss1/CoachingEfficacy.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2007.

IAOCHITE, R. T. **Autoeficácia de docentes de Educação Física**. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2007.

IAOCHITE, R. T. et al. Contribuições da Psicologia para a formação em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 3, p. 153-158, set./dez. 2004.

KAVUSSANU, M. et al. Coaching efficacy and coaching effectiveness: examining their predictors and comparing coaches' and athletes' reports. **The Sport Psychologist**, v. 22, n. 4, p. 383-404, 2008. Disponível em: <<http://www.eprints.bham.ac.uk/678>>. Acesso em: 7 mar. 2012.

LOBO, I. L. B.; MORAES, L. C. C. A.; NASCIMENTO, E. Processo de validação da escala de comportamento do treinador – versão atleta (ECT-A). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 255-265, jul./set. 2005.

MACHADO, A. A. Os treinadores e as interferências intercondutais: contribuições à Luz da Motricidade Humana. In: BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. (Org.). **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: O Treinador e a Psicologia do Esporte**. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2010. v. 4, p. 59-78.

MALETE, L.; FELTZ, D. L. The effect of a coaching education program on coaching efficacy. **Sport Psychologist**, v. 14, n. 4, p. 410-417, 2000.

MYERS, N. D.; VARGAS-TONSING, T. M.; FELTZ, D. L. Coaching efficacy in intercollegiate coaches: sources, coaching behavior, and team variables. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 6, n. 1, p. 129-143, 2005. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1469029203000669>>. Acesso em: 7 mar. 2012.

NASCIMENTO, J. V. et al. Formação acadêmica e intervenção pedagógica nos esportes. **Motriz**, Rio Claro, v. 15 n. 2, p. 358-366, abr./jun. 2009.

ROSADO, A.; MESQUITA, I. M. R. A formação para ser treinador. In: ACTAS DO 1º CONGRESSO INTERNACIONAL DE JOGOS DESPORTIVOS – Olhares e contextos da performance ao rendimento. **Secção Conferências**, 2007. (CD-ROM).

SANTOS, A. S. F. M.; MESQUITA, I. M. R. Percepção dos treinadores sobre as competências profissionais em função da sua formação e experiência. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 12, n. 4, p. 275-281, 2010.

SULLIVAN, P. J.; KENT, A. Coaching efficacy as a predictor of leadership style in inter-collegiate athletics. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 15, n. 1, p. 1-11, 2003. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10413200305404>>. Acesso em: 5 fev. 2012.

VIEIRA, L. F. et al. O treinador e o processo de intervenção psicológica. In: BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. (Org.). **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: O treinador e a psicologia do esporte**. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2010. v. 4, p. 141-164.

#### **Contato**

Roberto Tadeu Iaochite  
E-mail: iaochite@unesp.br

#### **Tramitação**

Recebido em 22 de agosto de 2012  
Aceito em 12 de dezembro de 2012